



ANÁLISE DO ECOSISTEMA FICCIONAL EM “A MENOR MULHER DO MUNDO”, DE CLARICE LISPECTOR

Mayara Macedo Assis (UFG/Nelim)

Elza Kioko Nakayama Nenoki do Couto (UFG/NELIM/CNPq)

RESUMO: Para a Linguística Ecológica (LE), a interação entre indivíduos em determinado território constitui o ecossistema linguístico. Assim como ocorre na Ecologia, quanto maior a diversidade, mais rico o ecossistema é. Tendo-se em vista os pressupostos da LE e a articulação entre a Literatura e a Análise do Discurso Ecológica (ADE), este trabalho consiste em uma análise do conto “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector, buscando a representação da interculturalidade no ecossistema ficcional e evidenciando a relação entre língua e cultura. Propõe-se a adoção de uma visão ecológica de mundo (VEM) para a manutenção da harmonia e comunhão nas interações comunicativas.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso Ecológica; Literatura; Clarice Lispector; Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

Considerando-se que todo tipo de fenômeno linguístico pode ser objeto de estudo da linguística, não há razão para que os textos literários também não o sejam. Segundo Brait (2010), a dicotomia entre língua e literatura é uma força de contingências institucionais, visto que a confluência entre elas é inegável. Para a autora, “A literatura pode antecipar as relações língua, linguagem, vida, história, sociedade” (BRAIT, 2010, p. 733).

A literatura não é um mero reflexo da realidade, mas sendo ela um artefato artístico e um produto cultural, está sujeita às condições socio-históricas do seu contexto de produção. Logo, ela

ECO-REBEL

é uma representação da sociedade na qual está inserida, tendo assim algo a dizer sobre os valores e a cultura daquela sociedade. Por esse motivo, o texto literário torna-se um objeto de interesse para a Análise do Discurso Ecológico (ADE), que busca compreender de que modo os discursos emergem de determinado ecossistema linguístico e atuam nele, adotando uma visão ecológica de mundo (VEM).

O texto literário aqui escolhido para análise é o conto “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector. Por ser uma escritora que faz parte do cânone da literatura brasileira, sua obra obviamente já passou por análises e discussões. Entretanto, é importante ressaltar a importância de se ressignificar os seus sentidos e interpretações, na medida em que a sociedade está em constante mudança e novas dinâmicas sociais vão surgindo. Dessa forma, pretende-se aqui não enaltecer o valor literário da obra apenas por ser canônica, muito menos questionar a legitimidade do cânone, mas sim oferecer uma nova leitura e perspectiva através da visão da ADE e de uma abordagem voltada para a interculturalidade, diversidade e comunhão.

No que diz respeito a esses conceitos, a comunhão é a predisposição necessária para que ocorra qualquer ato de interação comunicativa. Para que haja comunhão em interações interculturais, torna-se necessária a apreciação de diferenças étnicas e culturais para se manter a harmonia nas relações, bem como para se combater o etnocentrismo e preservar a diversidade no ecossistema. É importante ressaltar que o ecossistema aqui referido é o linguístico, conceito adotado pela Linguística Ecológica (LE) e pela ADE.

O objetivo aqui, portanto, é analisar o conto “A menor mulher do mundo”, de Clarice Lispector, buscando evidenciar como se dá a representação da interação comunicativa intercultural no ecossistema ficcional da narrativa, adotando para isso os pressupostos da ADE. Para tanto, além desta introdução, esse trabalho se organiza em mais três partes: na primeira, os principais pressupostos da LE e da ADE são explicados, bem como a metodologia utilizada; em sequência, a análise em si é apresentada em consonância com os conceitos discutidos; por fim, são feitas considerações finais e uma síntese do assunto.

LINGUÍSTICA ECOSSISTÊMICA E ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

A Análise do Discurso Ecológico (ADE) tem as suas bases inspiradas nos pressupostos da Ecolinguística (COUTO, 2007), mais especificamente na Linguística Ecológica (LE) (Couto; Fernandes, 2021). Apesar de já existirem diversas possibilidades de

ECO-REBEL

se fazer análise do discurso, a ADE de fato traz uma nova forma de se abordar os fenômenos linguístico-discursivos.

A LE consiste no estudo das interações comunicativas que se dão nos ecossistemas linguísticos. O ecossistema, aqui, não é apenas uma metáfora do termo utilizado na Ecologia, mas sim compreendido em seu sentido literal. No ecossistema linguístico, há indivíduos interagindo – através da língua – em um espaço físico. Dessa forma, ele é constituído por população (P), território (T) e interações (I), que, nesse caso, consistem na língua (L). Percebe-se, assim, que a língua não é um instrumento utilizado para a interação; ela é a própria interação.

É importante ressaltar que existem quatro ecossistemas linguísticos: mental, social, natural e integral. De forma sucinta, o ecossistema natural é constituído pelos aspectos físicos do meio. Já o ecossistema mental é constituído por língua mais as suas conexões neurais que se dão no cérebro. O ecossistema social é constituído por sujeitos que interagem em determinado contexto sócio-histórico e os três, unificados, constituem o ecossistema integral da língua, encarado como um todo através da abordagem holística característica da visão ecológica de mundo (VEM).

A VEM, por sua vez, relaciona-se com os pressupostos da Ecologia Profunda (EP) de Arne Naess (COUTO; FERNANDES, 2021), que adota uma visão ecocêntrica, encarando o ser humano como apenas um dos constituintes do meio ambiente. Sendo assim, todos os seres – humanos ou vegetais – são dignos do mesmo respeito e a diversidade e o equilíbrio devem ser preservados.

Em consonância com o exposto acima, a ADE tem a preocupação de entender como os textos e discursos emergem dos ecossistemas e atuam neles. Propõe-se a descrever e analisar a construção de sentidos dentro de contextos ecossistêmicos interacionais de comunicação. Segundo Couto e Fernandes (2021), a análise tem como ponto de partida as rupturas de harmonia na dinâmica das relações – que podem ser entre sujeitos consigo mesmos ou entre sujeitos e seu contexto – visando sempre a preservar a vida e combater o sofrimento evitável.

Tendo como princípio a defesa da vida, a ADE busca não apenas descrever um objeto de estudo, mas também recomendar condutas que auxiliem na manutenção da harmonia e do respeito à diversidade, visto que a diversidade é encarada como algo benéfico que enriquece o ecossistema. Essa perspectiva acerca da diversidade remete à importância da interculturalidade.

A interculturalidade pressupõe não simplesmente um encontro de culturas, mas também um intercâmbio e enriquecimento mútuo entre ambas (Naiditch, 2009). Essa experiência de

ECO-REBEL

alteridade, de aproximação entre o eu o outro, leva a maior compreensão e apreciação da diversidade, conseqüentemente favorece o respeito pela diferença e a convivência mais harmoniosa.

A metodologia adotada pela ADE é multimetodológica e multidisciplinar, logo pode variar de acordo com o objeto de estudo. Entretanto, é própria da ADE a abordagem holística do objeto de estudo. Para tanto, adota-se a focalização, que consiste em dedicar-se momentaneamente a determinado aspecto do objeto para depois retornar a uma visão mais totalizante do ecossistema para se averiguar os resultados.

Neste caso, as categorias de análise da ADE a serem focalizadas aqui consistem na comunhão e na diversidade, em consonância com a noção de interculturalidade já exposta. A comunhão consiste na predisposição dos falantes para a interação comunicativa, logo ela antecede a própria interação. A diversidade, por sua vez, relaciona-se diretamente com o conceito de porosidade ou abertura, uma característica que indica que “nada está isolado, portanto, recebe influência de fora, além de enviar seus influxos para fora” (COUTO; COUTO; BORGES, 2015, p. 103). Sendo assim, nota-se que a diversidade pressupõe a aceitação da diferença e enriquece o ecossistema linguístico e cultural, evitando assim o desequilíbrio, o preconceito e o sofrimento.

ANÁLISE DO CONTO “A MENOR MULHER DO MUNDO”, DE CLARICE LISPECTOR

Clarice Lispector (1926 – 1977) é uma escritora ucraniana naturalizada brasileira e é um dos maiores nomes da nossa literatura brasileira. Segundo Bosi (1994), a crítica nacional situa a escritora no centro da nossa vanguarda e sua obra é explicitamente heterodoxa, indo além de quaisquer convenções impostas pelos movimentos literários e pelos modelos narrativos tradicionais.

O conto aqui analisado, “A menor mulher do mundo”, foi publicado pela primeira vez em 1960, pela Francisco Alves, na coletânea de 13 contos intitulada *Laços de Família*. Antes de adentrar na análise, fazem-se necessárias algumas outras considerações acerca do ecossistema. É preciso considerar que “o texto literário não é produto direto de uma ecologia da interação comunicativa (EIC) prototípica, que exige a copresença de falante (F) e ouvinte (O), postados face a face” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 61).

Ainda assim, percebe-se que todos os elementos do “triângulo do ecossistema linguístico” se fazem presentes. Clarice Lispector é o sujeito-autor (P) que, em um determinado contexto

ECO-REBEL

natural-sócio-histórico-cultural (T), através da linguagem (L), cria um novo ecossistema virtual. Adotando-se o método da focalização, a análise aqui é direcionada às interações dos personagens entre si no ecossistema ficcional da narrativa, no qual o sujeito enunciador é o narrador (P), responsável por controlar os personagens e seus dizeres (L) que aparecem na narrativa, que se desenrola na África (T).

Na narrativa, Marcel Pretre, um explorador francês, encontra uma tribo de pigmeus durante a sua excursão pela África Equatorial, dentre a qual estava a menor mulher do mundo, com 45 centímetros. Marcel é descrito como um *caçador e homem do mundo*, correspondendo assim à perspectiva eurocêntrica de um homem aventureiro, experiente e viril. O seu encontro com os pigmeus é narrado da seguinte maneira:

No Congo Central descobriu realmente os menores pigmeus do mundo. E – como uma caixa dentro de uma caixa, dentro de uma caixa – entre os menores pigmeus do mundo estava o menor dos menores pigmeus do mundo, obedecendo talvez à necessidade que às vezes a Natureza tem de exceder a si própria.

Neste fragmento, há a especificação do meio ambiente natural no qual se desenrola o enredo, o Congo Central. Posteriormente, a descrição desse meio ambiente é enriquecida com expressões como *árvores mornas de umidade, folhas ricas do verde mais preguiçoso, tépidos humores silvestres* e frutas que possuem *uma quase intolerável doçura ao paladar*. Nota-se que todas as adjetivações visam a apresentar o local como selvagem, primitivo, preservado e inalterado pelo homem. O adjetivo *preguiçoso* dá também a ideia de monotonia e pacatez, em oposição ao frenesi que normalmente caracteriza os centros urbanos.

Outro detalhe de interesse é o uso da inicial maiúscula na palavra *natureza*. Gramaticalmente, natureza é um substantivo comum, visto que apresenta um sentido impreciso e não se refere a um objeto individualizado. Segundo Bechara (2009), utiliza-se inicial maiúscula em nomes comuns quando estes são personificados ou individuados. Sendo assim, conclui-se que a *Natureza* aqui em questão perde o seu sentido genérico e passa a ser tratada como uma entidade, concreta e capaz de dispor de vontades e demandas, afinal fala-se em *necessidade que às vezes a Natureza tem de exceder a si própria*.

Por fim, nesta passagem, há também uma alusão às bonecas-russas matrioskas. Para a cultura russa, a matrioska simboliza a ideia de maternidade e fertilidade, devido ao fato de uma

ECO-REBEL

boneca sair de dentro da outra, analogamente a um parto. Tal simbolismo torna-se notável visto que a pigmeia de 45 centímetros estava grávida, como logo constata o explorador.

Após o explorador ver a menor mulher do mundo pela primeira vez, temos o seguinte fragmento:

Sentindo necessidade imediata de ordem, e de dar nome ao que existe, apelidou-a de Pequena Flor. E, para conseguir classificá-la entre as realidades reconhecíveis, logo passou a colher dados a seu respeito.

Para assimilar a realidade que estava diante de si, o explorador sentiu a necessidade de dar nome e classificar. Depreende-se disso que nós apenas compreendemos o mundo através da referenciação. No ecossistema linguístico, temos a interação entre pessoa-mundo (referenciação) e entre pessoa-pessoa (comunicação).

O nome escolhido pelo explorador revela a sua visão acerca da menor mulher do mundo, afinal, nomeamos os seres e objetos do mundo conforme a visão que temos deles e a utilidade que eles têm para nós. *Flor* nos remete à ideia de graciosidade e delicadeza, e *Pequena* demonstra que se trata de alguém frágil e vulnerável; logo, *Pequena Flor* denomina um ser que, na visão do homem que a nomeou, é grácil e precisa ser cuidada e preservada.

Depois de nomeá-la, o francês também a descreve como *madura, negra, calada e escura como um macaco*. Ele constata que ela estava grávida e afirma que *vivia no topo de uma árvore com seu concubino*. Os adjetivos utilizados na sua descrição evidenciam o preconceito racial existente na visão de mundo do explorador, bem como uma animalização dos pigmeus na visão eurocêntrica. O fato de Pequena Flor ser escura torna-a equivalente a um macaco e seu parceiro é chamado de concubino, denotando que a relação existente entre os pigmeus não é bem vista pelo francês por não ser formalizada através do matrimônio.

Após nomeá-la e descrevê-la, o explorador passa a colher dados sobre sua vida e logo reúne uma série de informações sobre os Likoaulas, nome dado aos pigmeus. Ao colher dados sobre eles, o explorador utiliza-se de termos tais como *raça, exemplares, espécie e racinha*, evidenciando que, na sua visão, os pigmeus não são humanos. Há um processo de animalização, assim como houve na comparação com um macaco, na qual eles são reconhecidos como inferiores por serem culturalmente diferentes do homem considerado civilizado.

ECO-REBEL

É importante ressaltar que, para a VEM, os animais não são considerados inferiores assim como o são na visão antropocêntrica. Pelo contrário, “todo ser possui valor em si mesmo, independente do valor utilitarista que possa ser visto nele [...] os humanos não têm mais direito à vida do que os outros seres vivos” (COUTO; FERNANDES, 2021, p. 8). Evidencia-se, assim, que a Ecologia Profunda defende que todas as formas de vida têm igual importância e direito de autorrealização.

Os pigmeus vivem em árvores altas como forma de se protegerem dos seus predadores, os Bantos, e no que diz respeito aos papéis sociais atribuídos a cada um, mulheres colhem verduras e cozinham enquanto homens caçam. As crianças têm liberdade desde cedo, pois como sua vida é curta devido à predação, o máximo dela deve ser usufruído. A linguagem dos Likoaulas é considerada simples: usam gestos, sons animais e alguns poucos nomes, tendo como forma de manifestação espiritual a dança ao redor do tambor.

Nota-se que os Likoaulas têm uma organização social bem definida, com seus próprios hábitos, organização de tarefas, espiritualidade e cultura. Entretanto, as suas formas de interação são diferentes daquelas da sociedade ao qual o explorador francês pertence, visto que a sua linguagem é escassa. Não se pode dizer, entretanto, que não há comunicação entre os Likoaulas. A interação prototípica – aquela realizada face a face, da qual se depreendem todas as regras interacionais – não depende apenas de palavras verbalizadas, mas também de elementos cinésicos, paralinguísticos e proxêmicos, os quais se fazem presente na comunicação dos pigmeus.

Essas regras interacionais não são de fato regras estanques, mas sim hábitos sujeitos ao meio ambiente sociocultural da comunidade (COUTO; COUTO; BORGES, 2015), logo, podem sofrer variações de uma cultura para outra. É importante ressaltar que parte das regras interacionais são convenções sociais instituídas cujo desrespeito pode ser considerado uma ofensa ou grosseria, como se vê no fragmento a seguir:

Pequena Flor coçou-se onde uma pessoa não se coça. O explorador – como se estivesse recebendo o mais alto prêmio de castidade a que um homem, sempre tão idealista, ousa aspirar – o explorador, tão vivido, desviou os olhos.

Para a cultura do explorador, coçar as partes íntimas na presença de outrem é um ato tão vergonhoso, contrapondo-se à castidade idealizada no seu meio ambiente cultural, que nem se diz

ECO-REBEL

o nome da parte do corpo. Entretanto, a naturalidade com que Pequena Flor se coça demonstra que, na sua cultura, não há nada de anormal ou infame nessa ação.

Essas diferenças no meio ambiente cultural são ainda percebidas na reação de cada um diante de Pequena Flor. Uma fotografia sua é publicada no jornal de domingo e é vista por uma variedade de pessoas, cada qual com seus pré-conceitos, experiências de vida e visões de mundo. Sua fotografia causa aflição, espanto, medo, piedade, desejo e curiosidade, dentre tantos outros sentimentos distintos e conflitantes, conforme evidencia o trecho abaixo:

Em outra casa uma menina de cinco anos de idade, vendo o retrato e ouvindo os comentários, ficou espantada. Naquela casa de adultos, essa menina fora até agora o menor dos seres humanos. E, se isso era fonte das melhores carícias, era também fonte deste primeiro medo do amor tirano. A existência de Pequena Flor levou a menina a sentir [...] numa primeira sabedoria, que “a desgraça não tem limites”.

Neste caso, a surpresa é maior devido ao fato de que se trata de uma criança de cinco anos, ainda com poucos conhecimentos e vivências. O maior espanto não se deve ao quão diferente Pequena Flor é do resto das pessoas que ela conhece, mas sim à consciência recém-adquirida de que ela própria não é o menor ser humano que existe. O pequeno tamanho também é associado ao *medo do amor tirano*, do que depreendemos que ser menor coloca o sujeito em uma posição de subjugável, passível de dominação por outrem. Quando a menina conclui que *a desgraça não tem limites*, infere-se que a desgraça consiste em ser menor e, portanto, inferior. Entretanto, para a menina essa desgraça é passageira, visto que ela crescerá ao se tornar adulta; para Pequena Flor é eterna, pois ela permanecerá uma pigmeia sujeita à tirania.

Outra reação notável, também advinda de uma criança, é a transcrita abaixo:

Foi em outra casa que um menino esperto teve uma ideia esperta:

- Mamãe, e se eu botasse essa mulherzinha africana na cama de Paulinho enquanto ele está dormindo? Quando ele acordasse, que susto, hein! Que berro, vendo ela sentada na cama! E a gente então brincava tanto com ela! A gente fazia dela o brinquedo da gente, hein!

Neste fragmento, há o uso do diminutivo em *mulherzinha africana*, com valor semântico diferente daquele atribuído em *Paulinho*. *Mulherzinha* denota não somente o tamanho da pigmeia, mas principalmente a visão depreciativa que o menino tem dela. Enquanto que, no segundo caso,

ECO-REBEL

depreende-se pelo contexto que Paulinho pode ser um irmão ao qual o menino queria assustar, de modo que o diminutivo é uma forma afetiva de se referir à pessoa querida.

Além disso, há também mais um indício de desumanização de Pequena Flor. Ela não apenas é equiparada a um objeto, um brinquedo, mas também é conferido a ela o caráter de propriedade. O menino não queria apenas brincar com ela, queria possuí-la. A desumanização e também a animalização são recorrentes nas demais reações, sendo evidenciadas nas escolhas lexicais dos personagens. Em outra família, ocorre o seguinte diálogo:

<p>- A senhora já pensou, mamãe, de que tamanho será o nenenzinho dela? – disse ardente a filha mais velha de treze anos.</p> <p>- Deve ser o bebê preto menor do mundo – respondeu a mãe, derretendo-se de gosto. – Imagine só ela servindo a mesa aqui em casa! E de barriguinha grande!</p>
--

Há neste trecho uma adjetivação que não é simplesmente a atribuição de uma característica, mas também uma segregação. A mulher não se refere ao filho de Pequena Flor apenas como *bebê*, mas sente a necessidade de especificar que se trata de um *bebê preto*, em oposição a um *bebê branco*, revelando assim o seu preconceito racial. Inere-se também, pela resposta da mãe, que devido ao tamanho e à cor, o único propósito que Pequena Flor poderia ter é o de servir à família, remetendo ao regime de escravidão.

Ressalta-se que as oposições entre branco e preto, homem e mulher, grande e pequeno, dentre outros, não são vistas de forma dual pela VEM. Considera-se que um não existe sem o outro, que tudo faz parte do todo, conseqüentemente antropocentrismo, racismo e os demais “ismos” devem ser combatidos. A diversidade “é importante para a vitalidade tanto do ecossistema biológico quanto da do linguístico, e até do ecossistema cultural” (COUTO; COUTO; BORGES, 2015, p. 102).

Depois de descrever a repercussão que teve a foto de Pequena Flor, a narrativa volta-se para o explorador e a pigmeia, na África. Há uma brusca mudança no sentimento do explorador, que antes exaltado e curioso diante do que ele considerava uma descoberta, agora se sentia incomodado devido ao fato de que ela ria.

<p>Esse riso, o explorador constringido não conseguiu classificar. E ela continuou fruindo o próprio riso macio, ela que não estava sendo devorada. Não ser devorado é o sentimento mais perfeito.</p>
--

ECO-REBEL

Não ser devorado é o objetivo secreto de toda uma vida. Enquanto ela não estava sendo comida, seu riso bestial era tão delicado como é delicada a alegria.

A princípio, o trecho acima parece remeter à cadeia alimentar do Congo Central, na qual os Likoaulas são devorados pelos Bantos. Apenas o fato de estar viva é motivo de riso para Pequena Flor, o que é incompreensível para o explorador, que não consegue classificar o riso e, portanto, não atribui um sentido claro ao seu gozo. Entretanto, a devoração não é apenas literal, mas também simbólica.

O ato da devoração remete-nos ao movimento do Modernismo, mais especificamente à Antropofagia. Entretanto, essa devoração simbólica que é proclamada pela antropofagia não é a mera incorporação de uma cultura alheia, mas sim o contato e a assimilação mútua, a articulação entre diferentes identidades, resultando em um processo de mestiçagem cultural (LIMA, 2014). Na relação entre a pigmeia e o explorador, por sua vez, não há a incorporação da estranheza. Ambos se observam com certo distanciamento, percebendo as diferenças existentes entre si como uma barreira ao contato, e não como um incentivo à aproximação. Mesmo havendo interação, não há uma plena comunhão entre eles.

Pode-se inferir, a partir daí, que o riso de Pequena Flor evidencia o seu gozo por manter a sua cultura intacta apesar do aparecimento repentino do estrangeiro em seu território. Mesmo que, historicamente, atribui-se ao homem branco o papel de “civilizar” povos que são diferentes no momento em que estes são “descobertos”, Pequena Flor e sua tribo mantiveram seu estilo de vida e tradições diante do explorador francês. Enquanto os leitores do jornal estranharam sua imagem na fotografia publicada, ali, no seu meio ambiente natural, o explorador é que era a figura estranha.

Seu riso devia-se ainda a outros motivos, como transcrito abaixo:

A própria coisa rara sentia o peito morno do que se pode chamar de Amor. Ela amava aquele explorador amarelo. Se soubesse falar e dissesse que o amava, ele inflaria de vaidade. Vaidade que diminuiria quando ela acrescentasse que também amava muito o anel do explorador e que amava muito a bota do explorador. E quando este desinchasse desapontado, Pequena Flor não compreenderia por quê [...] Mas na umidade da floresta não há desses refinamentos cruéis, e amor é não ser comido, amor é achar bonita uma bota, amor é gostar da cor rara de um homem que não é negro, amor é rir de amor a um anel que brilha.

ECO-REBEL

Mais uma vez, há o uso de inicial maiúscula em um substantivo comum, amor, tornando-o assim personificado. Este *Amor*, entretanto, é visto de formas diferentes de acordo com a cultura na qual está inserido. Para o explorador, amor tem a ver com vaidade e orgulho, sendo assim não pode ser dirigido a algo qualquer. Para Pequena Flor, o amor tem a ver com a diferença. Tudo o que é distinto do que ela está habituada é digno do seu amor. O amor do explorador é seletivo, não se obtém facilmente; o amor da pigmeia é abrangente, é o amor à diversidade.

Outra escolha lexical marcante é o adjetivo *rara*, utilizado duas vezes no fragmento em questão. No seu primeiro uso, o termo caracteriza Pequena Flor, considerada rara pelo explorador por ser incomum na sociedade a qual ele pertence. No segundo uso, o termo caracteriza a cor branca do explorador, também considerada incomum pela pigmeia. Depreende-se que a ideia de raridade advém do repertório e do conhecimento de mundo de cada um, não sendo um conceito estanque. Essas diferenças, entretanto, podem acabar por acarretar em projeções de uma cultura em outra, como se vê no trecho abaixo:

Pequena Flor respondeu-lhe que “sim”. Que era muito bom ter uma árvore para morar, sua, sua mesmo. Pois – e isso ela não disse, mas seus olhos se tornaram tão escuros que o disseram – pois é bom possuir, é bom possuir, é bom possuir.

Conforme o explorador já havia constatado, os pigmeus se utilizavam prioritariamente de gestos e sons para se comunicarem, sendo pouca a articulação de palavras. Ou seja, quando ela não diz, mas ele pensa compreender, é o seu pensamento que na verdade está sendo traduzido no enunciado *é bom possuir*, é na sua cultura que se faz presente a ideia de propriedade e é na sua concepção que um olhar escuro afirma tal coisa.

Por fim, o conto termina com uma alternância de lugar, do natural para o construído, quando a narrativa desloca-se do Congo Central para o meio urbano e uma velha fecha o jornal, afirmando que *Deus sabe o que faz*. Tal expressão é comum de ser utilizada como que para justificar uma situação ou acontecimento que vai além da compreensão dos homens, que é o caso da existência de Pequena Flor. A frase que encerra o conto, desse modo, reforça que mesmo diante os nossos esforços de categorizar e nomear coisas e seres para se encaixarem na nossa visão de mundo, há casos em que a compreensão só vai ser plenamente alcançada com a ampliação dessa visão e a comunhão com o diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pequena Flor é uma personagem que diz poucas palavras, mas, ainda assim, toda a narrativa se constrói em torno dela. O que sabemos sobre ela vem de uma visão de fora, da perspectiva do explorador francês e dos cidadãos que viram sua foto no jornal. Dessa forma, compreendemos a pigmeia apenas a partir de outros personagens oriundos da cultura considerada “civilizada”; a visão a qual temos acesso é eurocêntrica.

Apesar de não ocorrer violência ou conflito explícito na interação entre os personagens, a comunhão plena não ocorre. Há interação entre eles, mas apenas o suficiente para que o explorador possa coletar dados a respeito dos pigmeus e, posteriormente, projetar as suas visões do mundo neles. A linguagem verbal escassa dos pigmeus, para a cultura do explorador, indica a invisibilidade daqueles que a utilizam. Alguém que não fala ou pouco fala deixa de ser um ser social e é relegado ao silenciamento e à inferioridade.

Bosi (1994) afirma que, segundo o antropólogo Lévy-Bruhl, a mente considerada civilizada é caracterizada pela distância. “O outro é sempre objeto de desejo ou de medo, de conhecimento ou de mistério” (BOSI, 1994, p. 425). Sendo assim, é a dita civilidade do explorador francês que causa o estranhamento entre ele e a mulher africana, levando assim à quase total ausência de comunhão. É importante ressaltar também que, mesmo que os personagens possuam singularidades, eles fazem parte de um coletivo, expondo assim não apenas a contraposição entre Marcel Prete e Pequena Flor, mas também entre homem e mulher, branco e negro, europeu e africano (SILVA, 2004).

São essas oposições evidenciadas no conto, acrescidas ainda da linguagem antropocêntrica, eurocêntrica e racista utilizada pelo personagem francês, que denotam a distância que ainda temos que percorrer para adotarmos uma visão ecológica de mundo, em que a diversidade seja encarada como uma vantagem e sua preservação leve ao equilíbrio e harmonia para o ecossistema.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, Evanildo, 1928 - *Moderna gramática portuguesa* / Evanildo Bechara. – 37. ed. rev., ampl. e atual conforme o novo Acordo Ortográfico. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. Editora Cultrix, 1994.

ECO-REBEL

BRAIT, B. Língua e literatura: saber com sabor. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 39, 2010, p. 724-735.

COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do & Eliane Marquez da Fonseca Fernandes. *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática*. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Linguística / Universidade de Brasília, 2021.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

COUTO, Hildo Honório do/ Couto, Elza Kioko Nakayama Nenoki do/ Borges, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do discurso ecológica – (ADE)*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

LIMA, Rachel Esteves. SILVIANO SANTIAGO e a imaginação antropófaga. *Cadernos de estudos culturais*, v. 6, n. 11, 2014.

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.

NAIDITCH, Fernando. Literatura multicultural e diversidade na sala de aula. *Educação*, v. 32, n. 1, 2009.

SILVA, Cristiane Brasileiro Mazocoli. Inferno simbólico ou Macabéa. In: *Pequeno grande mundo: Literatura em crise de autoridade*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004, p.105-124.

Aceito em 13/12/21.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 7, N. 3, 2021.